ANDREA BROWN

A FIGURAÇÃO ASSIMÉTRICA DE ANDREA BROWN

ALVARO SEIXAS

> "Recordo-me de um vívido dia de Inverno em Versalhes. O silêncio e a calma reinavam, supremos. Tudo me olhava com olhos misteriosos, interrogadores. Depois percebi que todos os cantos do palácio, todas as colunas, todas janelas, possuíam um espírito, uma alma impenetrável. Olhei para os heróis de mármore, imóveis no ar claro sobre os raios gelados desse sol de Inverno que jorra sobre nós com amor, como uma canção perfeita [...] nesse momento, tomei consciência do mistério que impele os homens a criar certas formas estranhas."
>
> Giorgio de Chirico

A arte muitas vezes tratou de atuar como um agente conciliador de forças aparentemente contraditórias. Nos corpos dos Apolos do classicismo grego, as formas humanas, naturais, e orgânicas são cuidadosamente esculpidas para que possam transmitir seu caráter divino, ideal e intangível. Nas obras surrealistas, as cenas previsíveis do dia a dia e os objetos banais são reorganizados de forma a conceberem realidades irreconhecíveis e estranhas. As pinturas de Andrea Brown são dotadas dessa força conciliatória, que se espera das obras de

arte. Trazem consigo habilidosos arranjos de termos “antagônicos”, tais como ordem e arbitrariedade, desenho e pintura, universal e tropical, espaço arquitetônico e mundo natural, rigidez formal e vivacidade, simplicidade e complexidade, monotonia e surpresa.

Suas representações de interiores são recheadas de formas, padrões e artigos estranhos entre si, mas que paradoxalmente parecem transmitir a sensação de “vazio”, oriundo de uma espécie de “silêncio visual” estabelecido por composições delicadas e um suave cromatismo. E é nesse “vazio”, não apenas espacial/ilusionístico/figurativo, mas também mental/conceitual/abstrato, que se afirma a potência artística de suas obras. As cadeiras desocupadas e os cenários metafísicos com objetos incongruentes são alguns dos potentes hiatos expressivos de suas pinturas que remetem, respectivamente, a imagens icônicas produzidas por Van Gogh e De Chirico. Eles constituem lacunas valiosas, enigmas estrategicamente deixados pelas pinturas de Brown, que aguardam quietas pelas expectativas e anseios individuais dos observadores que as preencherão de sentido.

Retratos obliterados e fugidios, de figuras femininas, ora dançam e desfrutam, ora lamentam e desistem da existência, reforçando assim a “contraditoriedade conciliatória” das pinturas de Brown. As figuras humanas, quando presentes em suas pinturas, são atrizes coadjuvantes do mistério que permeia a profusão de formas orgânicas dos galhos, folhas ou a visualmente cativante geometria dos azulejos que demarcam cuidadosamente os espaços do plano pictórico.

Tais ornamentos que recobrem as telas da artista são celebrações da espontaneidade e sinceridade de Henri “Le Douanier” Rousseau e da esperançosa alegria de viver matissiana, mas constituem também agentes de uma angústia sufocante, em sintonia com os dramas típicos da era da ansiedade, que caracterizam muitas obras da arte contemporâneas. É sedutor e extasiante nos perdermos nas folhagens e azulejos pintados por Brown, mas se

torna dramático quando tomamos consciência de que fomos engolidos e dominados pela sua intensa sedução visual.

A nitidez, linearidade e fina espessura das pinceladas de tinta a óleo, que muitas vezes aproximam as pinturas de Brown do imediatismo do desenho, fazem com que a técnica dessa artista habite a brecha existente entre os procedimentos pictóricos empregados nas obras-primas renascentistas de Botticelli e os típicos do "classicismo" ingênuo e de vanguarda de Rousseau. Os mundos concebidos por Brown são pintados, portanto, de maneira "ingenuamente consciente".

É fácil classificar suas pinturas como figurativas. Mas a figuração de Brown é "assimétrica" e com isso não nos referimos apenas às questões formais e compositivas inerentes à superfície do quadro, mas certos aspectos que fazem com que suas obras se desviem em vários momentos da ideia de representação. Trata-se de uma assimetria que não é meramente visual, mas também conceitual, já que as pinturas da artista se valem de certa aparência de realidade objetiva, mas cuja potência artística se dá em uma densa e complexa trama de inter-relações subjetivas, psicológicas, simbólicas e, inclusive, abstratas. Colocam em contato ramificações da tradição visual e pictórica aparentemente heterodoxas e distantes, dentre elas as obras de Sandro Botticelli, Van Gogh, "Le Douanier" Rousseau, Henri Matisse, De Chirico, René Magritte e dos brasileiros Athos Bulcão e Adriana Varejão.

Para explorar, conciliar e amenizar os paradoxos e as dúvidas que permeiam a vida humana, a arte deve de algum modo ser imperfeita. E é pela sua singular assimetria que a pintura de Andrea Brown, ao invés de se afirmar simétrica e concretamente, busca florescer e realizar de forma particular e viva as mais nobres ambições da arte.